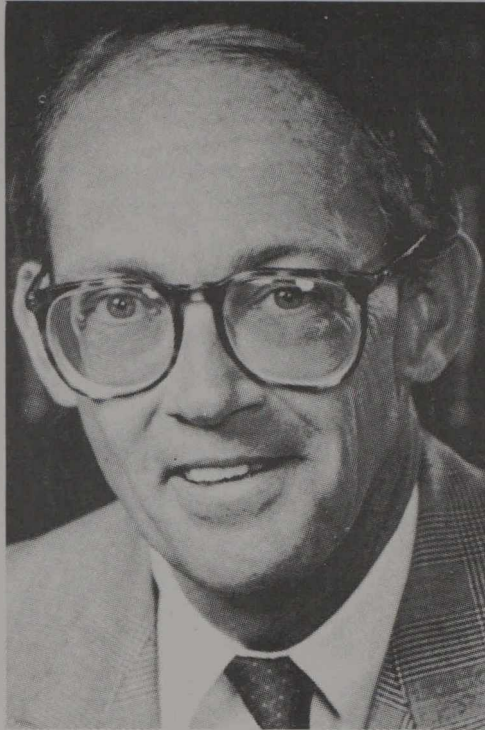




Talvez o refrão ambiental mais comumente repetido nos últimos anos tenha sido o de que temos de pensar globalmente e agir localmente. Em poucas palavras, essa frase tenta dar forma a uma idéia que é de fundamental importância tanto na definição do relacionamento ideal entre os indivíduos e a natureza como, de outra parte, da maneira como as nações devem atuar quando confrontadas a problemas ambientais comuns.

Como indivíduos, nós temos a oportunidade e, até mesmo, a obrigação de fazer opções conscientes como consumidores e usuários de recursos naturais. As decisões pessoais e as ações dos mais de cinco bilhões de habitantes da terra têm uma grande e direta influência sobre o meio ambiente global. Para os cidadãos dos países desenvolvidos, contribuir para um meio ambiente mais saudável significa, entre outras coisas, abandonar modelos de consumo baseado no desperdício e contribuir para o desenvolvimento e implementação de processos industriais sustentáveis. Nos países em desenvolvimento, os indivíduos devem dispor de mais opções: o desenvolvimento econômico, no Terceiro Mundo só poderá tornar-se sustentável se for rompido o ciclo de pobreza extrema que tão frequentemente faz da degradação ambiental uma necessidade para a sobrevivência a curto prazo.

Também as nações têm a obrigação de agir responsabilmente dentro de suas próprias fronteiras e de garantir que as atividades domésticas não contribuam para a destruição do ar, das águas e da terra compartilhados pelo gênero humano. Um compromisso pelo uso responsável dos recursos naturais à nível nacional não implica em perda de soberania. O reco-



nhecimento de nossa responsabilidade comum de atuar concertadamente afim de criar condições para o desenvolvimento sustentável em nível mundial significa que devemos estar prontos a agir dentro de nossas fronteiras para alcançar metas acertadas internacionalmente.

A Conferência das Nações Unidas Sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD) e o Parlamento da Terra que serão realizados no Rio de Janeiro entre 03 e 14 de junho de 1992 serão o

exemplo mais claro da década de "pensamento global". As decisões alcançadas no Rio não significarão nada, entretanto, a não ser que os cidadãos das nações do mundo e seus líderes estejam preparados para agir localmente a fim de transformar retórica em realidade.

Como Embaixador do Canadá no Brasil, estou numa posição privilegiada para medir a extensão das contribuições que os dois países estão dando à CNUMAD. O Canadá tem desempenhado um papel preponderante no processo preparatório da CNUMAD e está presente, no Rio, com uma Delegação representativa. Além disso, o Secretário-Geral da Conferência, Maurice Strong, é cidadão canadense. O Brasil teve de suportar um duplo ônus ao preparar a Conferência: o de ser ativo e construtivo participante nos encontros e sessões negociatórias nas quais os documentos a serem considerados na CNUMAD foram minutados e, obviamente, o de ser o país da Conferência, propriamente dita.

Estou absolutamente confiante em que a liderança que o Brasil e o Canadá têm demonstrado trará significativa contribuição para o sucesso de um evento que representa um esforço no sentido de unir pensamento e ação com o objetivo de garantir um futuro melhor para toda a humanidade.

William L. Clarke
Embaixador